

São Mamede de Vila Verde

Construir uma Igreja com as suas pedras

Foto da capa: Igreja de São Mamede de Vila Verde.



FICHA TÉCNICA

PROPRIEDADE
Rota do Românico

EDIÇÃO
Centros de Estudos do Românico e do Território

COORDENAÇÃO GERAL
Rosário Correia Machado | Rota do Românico

COORDENAÇÃO DA EDIÇÃO
Gabinete de Planeamento e Comunicação | Rota do Românico

COORDENAÇÃO CIENTÍFICA
Miguel Malheiro

TEXTOS
Miguel Malheiro
Joaquim Inácio Caetano
Luís Fontes
Aníbal Costa

FOTOGRAFIA
Miguel Malheiro
Joaquim Inácio Caetano
Luís Fontes
Aníbal Costa
Rota do Românico

DESIGN E PAGINAÇÃO
Furtacores – Design e Comunicação

IMPRESSÃO
Gráfica Maiadouro

TIRAGEM
1000

EDIÇÃO
1ª Edição | Dezembro de 2011

ISBN
XXXXXXXXXX

DEPÓSITO LEGAL
XXXXXXXXXX

Os artigos são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

São Mamede de Vila Verde

Construir uma Igreja com as suas pedras

COORDENAÇÃO CIENTÍFICA
Miguel Malheiro

TEXTOS
Miguel Malheiro
Joaquim Inácio Caetano
Luís Fontes
Aníbal Costa

Índice

6 Cronologia de Obras e Projetos

7 Equipa Técnica

9 Introdução

13 Construir uma Igreja com as suas pedras

MIGUEL MALHEIRO

41 As pinturas murais da Igreja de São Mamede de Vila Verde

JOAQUIM INÁCIO CAETANO

55 Da arqueologia da arquitetura

LUÍS FONTES

69 Avaliação e intervenção estrutural

ANÍBAL COSTA

LUÍS FONTES

Da arqueologia da arquitetura



Como é amplamente reconhecido pela generalidade dos estudiosos e dos agentes culturais, a compreensão dos valores e significados veiculados pelos monumentos arquitetónicos só se alcança por via do conhecimento histórico – isso mesmo subjaz às recomendações das Cartas e Convenções internacionais relativas à intervenção no património arquitetónico.

Por outro lado, tal como é generalizadamente aceite no âmbito das ciências sociais e humanas, não se produz conhecimento histórico válido sem os contributos da história e da arqueologia. Esta última é particularmente indispensável porque, na ausência ou escassez de documentação escrita, é através da arqueologia que se recolhe, regista e analisa as expressões materiais da ocupação humana dos territórios no passado, permitindo elaborar interpretações sobre os significados polissémicos dos diferentes tipos de vestígios arqueológicos.

Consequentemente, o desenvolvimento de programas e projetos integrados de valorização e de aproveitamento dos monumentos arquitetónicos deve contemplar o contributo das especialidades de história e de arqueologia, com vista a produzir conhecimento que sirva, quer para informar a elaboração dos projetos de intervenção, minimizando eventuais impactes negativos, quer para identificar elementos arquitetónicos que enriqueçam essa inter-

venção ou ainda para suportar a produção de conteúdos de divulgação pública alargada.

Assim se fez na Igreja de São Mamede de Vila Verde, Felgueiras, a qual, no quadro do programa de valorização patrimonial da Rota do Românico do Vale do Sousa e em parceria com a ex-Direção Regional dos Edifícios e Monumentos do Norte, foi objeto de um projeto de restauro e valorização, que contemplou um estudo de arqueologia da arquitetura, prévio à execução das obras.

Realizado por uma equipa de arqueólogos da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, o estudo de arqueologia da arquitetura da Igreja de São Mamede de Vila Verde, Felgueiras, foi efetuado nos anos de 2004 e 2005.

Numa primeira fase realizou-se o levantamento e análise estratigráfica dos alçados e, numa segunda fase, executaram-se escavações no interior da capela-mor, no sentido de obter dados que ajudassem a avaliar o impacte arqueológico da obra e, assim, informar o respetivo projeto. Os relatórios da intervenção arqueológica foram oportunamente aprovados pelas entidades da tutela e foram já objeto de diversas publicações (Fontes, Machado e Catalão 2004, 2010; Fontes *et al.*, 2006; Fontes e Catalão, 2008).

Objetivos e metodologias

Com a leitura estratigráfica dos alçados e sua análise pretendia-se elaborar uma proposta de interpretação da evolução arquitetónica do edifício, a qual, cruzada com os estudos de outras especialidades, se deveria constituir como conhecimento base de referência para toda e qualquer intervenção nova no monumento.

Para além da habitual pesquisa bibliográfica sobre o monumento, efetuou-se o levantamento fotográfico sistemático e detalhado da construção, a partir do qual se fizeram os desenhos de todos os alçados por restituição fotogramétrica, com base na ferramenta informática PhotoModeler, podendo ser representados à escala 1:1.

Sobre desenhos à escala 1:50, procedeu-se depois à identificação dos diferentes contextos construtivos (unidades mínimas com características construtivas uniformes e limites definidos), que se delimitaram nos desenhos e descreveram em fichas apropriadas. A caracterização

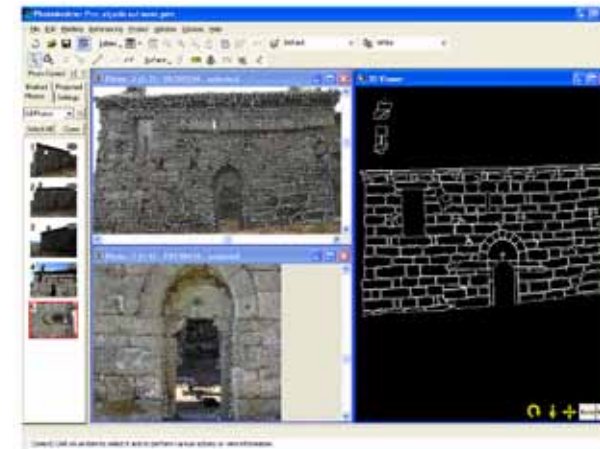
das fases construtivas foi feita com base na observação direta e detalhada dos alçados, beneficiando-se do facto de parte significativa das paredes terem perdido os revestimentos ou, como acontece no exterior, aparentar nunca os ter tido.

Efetuiu-se em seguida uma primeira integração da informação, isolando as principais fases construtivas para o conjunto do edifício, que se caracterizaram tendo em atenção os seguintes descritores principais: posição na sequência estratigráfica; materiais e técnicas construtivas; forma e/ou planta; elementos arquitetónico decorativos e filiação do estilo artístico; proposta de cronologia.

Numa segunda fase de análise, fez-se a integração dos dados da leitura estratigráfica dos alçados com os dados proporcionados pela escavação arqueológica efetuada no interior da Igreja.



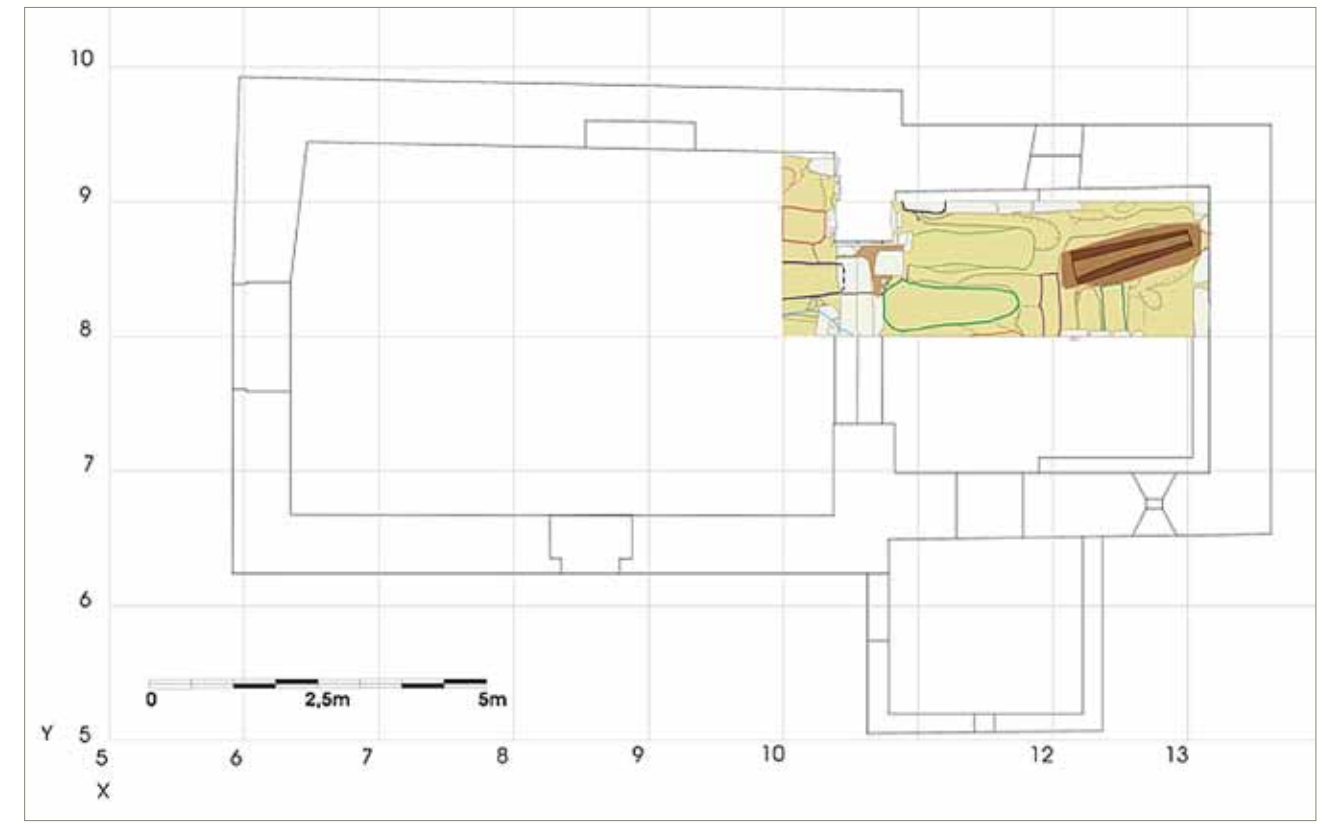
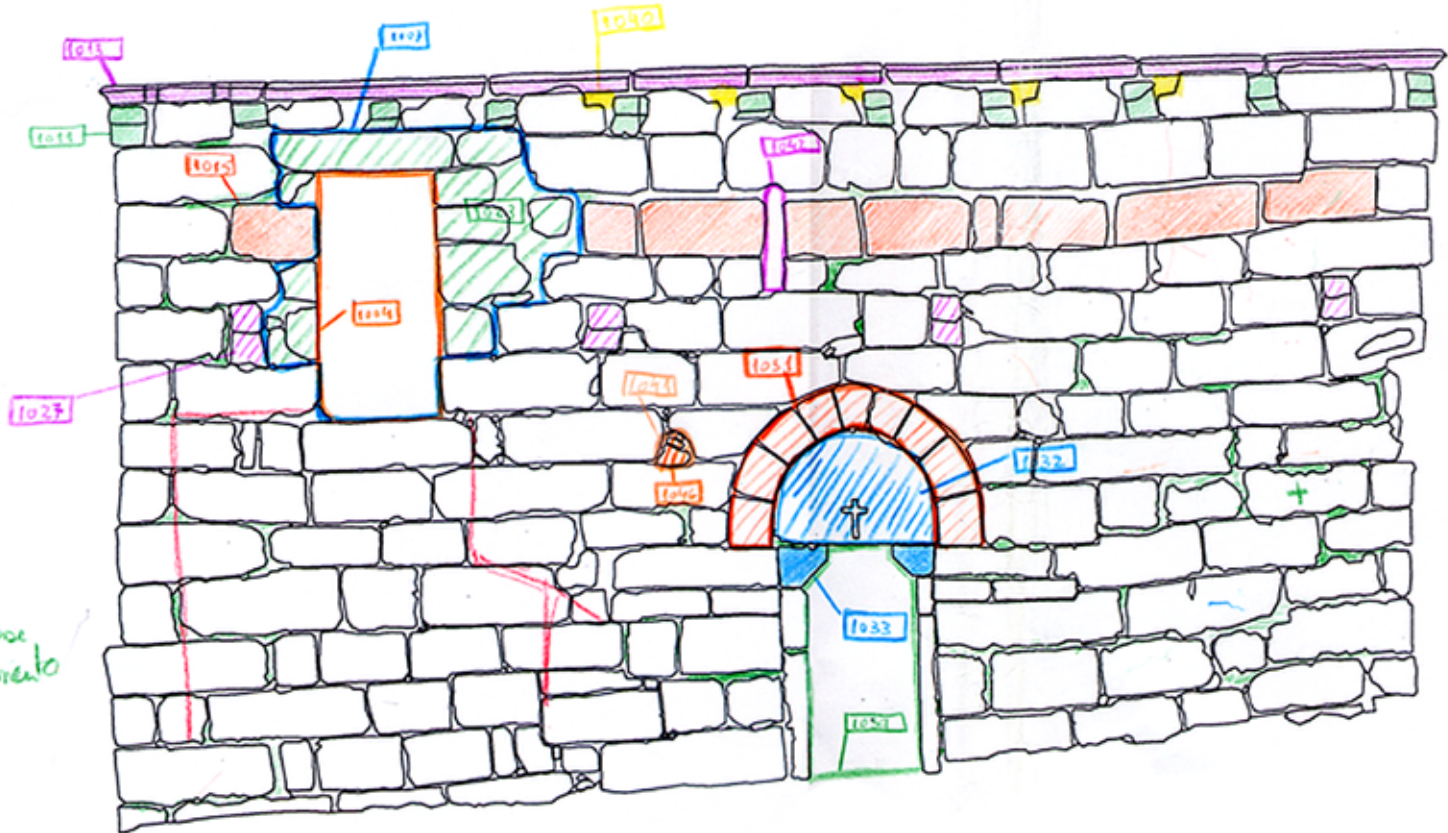
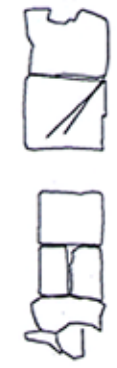
Registos fotográficos para restituição fotogramétrica.



Processo de restituição fotogramétrica com PhotoModeler.

1511VV (Linha 2)

- vão da porta para o coro (1006)
- esboço para a porta (1007)
- molduras (1010)
- coraja (1013)
- fudo (1015)
- enchimento do esboço 1007 (1020)
- moldas (1028)
- arco da porta sul (1031)
- limpa do arco 1031 (1032)
- moldas da porta sul (1033)
- vão da porta de acesso à nave (1034)
- esquadros (1040)
- esquadro (1041)
- vão da freixo (1042)
- enchimento do esquadro 1041 (1046)



Planta arqueológica da Igreja de São Mamede de Vila Verde.



Registos da escavação arqueológica.

FASE I

Corresponde à edificação original, em cantaria de blocos graníticos de forma geral paralelepípedica, esquadrados sem especial cuidado e montados em fiadas horizontais regulares, elevando, com ressaltos, paredes de dupla face ou paramento, com miolo preenchido por cascalho, calhaus e argamassa saibrosa. O aparelho, pseudo-isódomo, apresenta juntas horizontais quase secas e juntas verticais irregulares, também secas. Observam-se algumas alterações de alinhamentos de fiadas, geralmente acertados com recurso a fiadas e/ou blocos de menor altura e que poderão corresponder a fases de obra.

Os blocos graníticos dispõem-se quase sempre longitudinalmente (de peito), alternando a distâncias irregulares, com um bloco colocado transversalmente (de testa), que geralmente atravessa toda a parede ficando, por vezes, saliente da face desta.

A generalidade dos blocos foi rachada e toscamente afeiçoada a picão, percebendo-se um desbaste especialmente orientado para as faces horizontais de assentamento, deixando-se as faces exteriores ligeiramente convexas, sem qualquer outro tratamento.

Contudo, muitos outros apresentam uma esquadria mais perfeita e um tratamento mais cuidado da face, reconhecendo-se nas superfícies mais regulares de algumas das faces, designadamente em todas as que compõem as guarnições dos vãos, um acabamento a cinzel.

Em alguns observam-se os rasgos correspondentes à utilização de cunhas de madeira para o corte. Em nenhuma parte do edifício se identificaram quaisquer siglas ou marcas de canteiro.

Nos vãos originais distinguem-se as frestas, todas em arco de volta perfeita e abertura em capialço (alargam do exterior para o interior), e as portas, a da fachada ocidental em arco de volta perfeita, inscrita na espessura da parede, com tímpano fechado sobre lintel apoiado nas ombreiras e a porta meridional, em arco ligeiramente apontado, também inscrito na espessura da parede, com tímpano fechado sobre lintel apoiado em mísulas salientes das ombreiras.

O coroamento das paredes é rematado por uma cornija de secção ligeiramente côncava, apoiada em modilhões lisos, com simples decoração moldurada ou com raros motivos tipo pinha ou rolos. Esta cornija recebia uma cobertura original em duas águas, tanto na nave como na capela-mor, como denuncia a empena triangular, que na fachada ocidental é rematada por um pequeno campanário em arco de volta perfeita com cobertura triangular capeada.

No seu conjunto, o edifício desenvolve-se no sentido oeste/este, compondo uma Igreja de nave retangular e capela-mor quadrada, esta mais pequena e bastante mais baixa, com um balcão interior perimetral, tipo banco e ainda com a particularidade de se implantar a uma cota significativamente mais elevada que a da nave, determinando dois níveis de pavimento distintos.

Salientes na fachada sul da nave conservam-se mísulas e do rufo pétreo da cobertura de um alpendre exterior conservam-se dois sarcófagos em granito, com tampa monolítica, configurando cobertura a “duas águas”.

Não conhecemos qualquer documento relativo à fundação da Igreja de São Mamede de Vila Verde. A propos-

ta de uma cronologia para a edificação original do templo terá que se basear nas características técnico-construtivas e estilísticas da edificação.

A forma geral da planta e a sua volumetria, a par dos elementos arquitetónicos e decorativos particulares, como são as cachorradas, as frestas e as portas com arco semicircular ou ainda os sarcófagos, bem como o

FASE II

Corresponde à primeira e mais significativa remodelação da edificação original, expressa por um conjunto de ações construtivas e decorativas, materializadas quase exclusivamente no interior do templo, onde se identificaram várias alterações.

Na capela-mor:

a) encerramento das frestas da cabeceira e meridional com alvenaria grosseira de cascalho, calhaus, fragmentos de tijolo e de telha e argamassa de cal;

b) abertura de duas janelas retangulares nas paredes laterais: no lado norte alargando a fresta preexistente, até se obter uma tosca moldura em capialço; no lado sul, rasgando um vão novo entre a antiga fresta e a parede da cabeceira, colocando uma bem acabada guarnição em capialço, com moldura retilínea;

c) abertura de vão de porta, rasgada na parede preexistente, com ombreira e padieira lisas, com moldura exterior retilínea;

contexto histórico associável, em que releva a instalação em Vila Verde, no decurso do século XIII, de Mendo de Sousa e família, permitem-nos classificar o edifício correspondente a esta Fase I como um projeto românico tardio de expressão rural, em que parecem cruzar-se influências simultaneamente conservadoras e progressistas, cuja edificação terá decorrido nos finais do século XIII.

d) revestimento das paredes interiores com argamassa de cal, com pinturas nas paredes da cabeceira e nas laterais até às janelas, configurando uma espécie de retábulo pintado. Identifica-se a sobreposição de, pelo menos, um segundo tema pintado.

No arco triunfal:

a) alargamento e elevação do arco triunfal, rasgando-se a parede medieval para colocação do novo arco, semicircular, formado por aduelas altas e estreitas, com moldura lisa saliente a vincar o aro do arco. Assenta, através de imposta muito estreita, tipo friso, mas saliente, em pilares apilastrados, compostos por blocos delgados que parecem prolongar o arco até ao solo. No novo lance de três degraus que vence a passagem do arco triunfal à capela-mor, reutilizou-se uma tampa sepulcral medieval.

Na nave:

a) altar colateral aberto na espessura da parede norte, em arco de volta perfeita, sem qualquer imposta. A parede medieval foi rasgada até metade da sua espessura, ficando à vista o intradorso dos blocos da face externa. O arco é formado por aduelas altas e estreitas, com moldura lisa que acentua o aro, prolongando-se nos laterais apilastrados com o mesmo tipo de peças até ao seu assentamento inferior. Inicialmente mais alto, o nicho foi posteriormente reduzido pela colocação de duas fiadas de blocos na parte inferior;

b) no lado poente do altar acima referido conserva-se a mísula que suportava a bacia pétreo do púlpito (atualmente recolhida numa casa das proximidades). Em granito, está solidamente cravada na parede medieval. Apresenta um perfil em “papo de rola” e laterais moldurados;

c) no topo poente da nave conservam-se os vestígios da existência de um coro alto, materializados no contorno dos rebocos, nos encaixes rasgados nas paredes laterais para fixação da balaustrada, nos largos agulheiros quadrangulares abertos também nas paredes laterais, para apoio das vigas que suportavam um piso sobradado e no vão retilíneo de porta rasgado na parte superior da parede meridional da nave, para acesso direto ao coro a partir do exterior, através de uma escada pétreo adossada ao edifício;

d) revestimento das paredes interiores com argamassa de cal, com pinturas nos topos laterais próximos do arco triunfal.

Embora todas estas alterações arquitetónicas possam ter ocorrido de modo faseado, a sua contemporaneidade construtiva é estabelecida pelo reboco que reveste as paredes, em parte com pintura mural, o qual envolve as molduras das janelas, do arco triunfal e do altar colateral.

Identifica-se entre todas uma clara relação de organização litúrgica de espaços, o que permite considerar a existência de um projeto global de remodelação, visando exatamente adaptar a Igreja de São Mamede de Vila Verde a novos preceitos litúrgicos.

O contexto histórico para esta profunda remodelação do espaço interior da Igreja encontra-se na reforma das práticas litúrgicas cristãs, levadas a cabo no ocidente europeu no decurso da segunda metade do século XVI, bem como na circunstância, que consideramos de primeira importância, de ser Igreja de apresentação do Mosteiro beneditino de Pombeiro e, portanto, beneficiar dos grandes ciclos de obras que marcaram a reconstrução arquitetónica de quase todos os mosteiros beneditinos, empreendida após a reforma das ordens religiosas e consequente instituição da Congregação dos Monges Negros de São Bento do Reino de Portugal.

Para além deste aspeto ideológico, que fundamentava a necessidade de “abrir” o templo para facultar a visualização dos rituais litúrgicos, em especial da eucaristia, concorrem também para a cronologia de finais do século XVI/inícios do século XVII os dados de carácter iconográfico e técnico-estilístico, como os revelados pelas pinturas murais, pela solução em capialço das janelas ou pela moldura saliente do arco triunfal e do arco do altar lateral da nave, que traduzem uma ambiência estilística classificável adentro do estilo-chão nacional.

FASE III

Esta terceira fase é estabelecida pela identificação de sobreposição de pinturas murais na capela-mor, testemunhando a renovação da decoração do retábulo pintado do altar-mor. É uma pintura direta sobre a pintura preexistente, sem qualquer nova argamassa de suporte.

Trata-se de um testemunho material que remete para a efetiva utilização cultural do templo, configurando ocupação, que podemos balizar entre os séculos XVII e XIX.

FASE IV

Corresponde à construção da sacristia, adossada contra a fachada meridional da capela-mor. É uma construção com aparelho tipo “perpianho”, de lajes graníticas bem esquadras e faces regulares afeixoadas a cinzel, montadas em fiadas horizontais regulares, com juntas estreitas fechadas com argamassa de cal. O coroamento das paredes é rematado por uma cornija de secção côncava, na qual assentava uma cobertura telhada de duas águas, como testemunham a empena triangular da parede sul e os vestígios do rufo de cimento no encosto à capela-mor.

Esta construção define um espaço quadrangular, iluminado por uma pequena janela retangular na parede

meridional e ao qual se acede, desde o exterior, por uma porta aberta no lado poente, de vão retilíneo de molduras lisas. A ligação com o interior da Igreja faz-se pela porta existente na parede sul da capela-mor, na qual, servindo o interior da sacristia, foi rasgada uma pequena pia de água para abluções.

Não conhecemos qualquer referência documental que nos permita adiantar uma data precisa para esta construção. Com base na relação estratigráfica, podemos apenas estabelecer que este acrescento é posterior à abertura da janela moderna da capela-mor. Ponderando estes elementos e as características técnico-construtivas, poderá aceitar-se uma cronologia entre os séculos XVIII e XIX.

FASE V

Corresponde à desativação da Igreja, seu abandono e consequente ruína, processo cujo início podemos situar em torno de meados do século XIX, num período balizado

entre a extinção do Mosteiro de Pombeiro, em 1833-34, e a construção da nova Igreja Paroquial de Vila Verde, inaugurada em 1866.



Interpretação das fases construtivas com base nas leituras estratigráficas dos alçados da nave, da capela-mor e da sacristia.

Conclusões

A Igreja de São Mamede de Vila Verde não é, apesar da sua aparente uniformidade, um edifício arquitetonicamente unitário, correspondente à execução de um só projeto construtivo.

Tal como a análise estratigráfica de alçados evidenciou, o edifício revela diversas e significativas alterações arquitetónicas, que testemunham uma sucessiva adaptação do templo às novas exigências de organização dos espaços de culto, determinadas pelas reformas que a Igreja foi conhecendo e que a população de Vila Verde não terá deixado de assimilar.

Por outro lado, as escavações arqueológicas permitiram esclarecer a solução de articulação entre a nave e a capela-mor, confirmando a existência de um desnível original entre um espaço e outro e que o alargamento e elevação do arco triunfal não se traduziram em qualquer alteração ao nível das cotas dos pisos.

Permitiram igualmente confirmar o profundo e quase total revolvimento do subsolo da Igreja, traduzido no aterro contemporâneo das cavidades sepulcrais modernas, na sequência da trasladação dos restos dos enterramentos para o novo cemitério da freguesia, cerca de meados do século XX, bem como no desmonte do altar e repavimentação parcial da capela-mor com elementos reutilizados, incluindo partes do maciço correspondente à mesa do altar tardo-medieval.

Por tudo isto, a Igreja de São Mamede de Vila Verde constitui um bom exemplo de património arquitetónico que deve ser conservado e valorizado numa perspetiva de monumento interpretado, isto é, de proporcionar ao visitante a compreensão das alterações decorridas ao longo do tempo, através da leitura das diversas arquiteturas que se sedimentaram no edifício.

Bibliografia

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de – *Arquitectura românica de Entre-Douro-e-Minho*. Porto: [Edição de autor], 1978. 2 vols. Dissertação de Doutoramento em História de Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

FERNANDES, M. Antonino – *Felgueiras de ontem e de hoje*. Felgueiras: Câmara Municipal de Felgueiras, 1989.

FONTES, Luís, MACHADO, André, CATALÃO, Sofia – Experiências em Arqueologia da Arquitectura na Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho. *Arqueologia de la Arquitectura*. Nº 3 (2004) 173-184.

FONTES *et al.* – “Arqueologia preventiva e Arqueologia da Arquitectura: os exemplos das igrejas de Cabeça Santa (Penafiel) e de São Mamede-o-Velho (Felgueiras)”. In *Seminário A Intervenção no Património: práticas de conservação e reabilitação*, 2. Porto: Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais/Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, 2006. 2 vols, p. 287-305. [2005 - edição CD-ROM].

FONTES, Luís, CATALÃO, Sofia – Intervenções arqueológicas no âmbito da Rota do Românico do Vale do Sousa: procedimentos e resultados. *Oppidum*. Número especial (2008) 257-281.

FONTES, Luís, MACHADO, André, CATALÃO, Sofia – *Igreja Velha de São Mamede de Vila Verde (Vila Verde, Felgueiras): leitura estratigráfica de alçados e sondagem: relatório final*. [Em linha]. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, 2010. Trabalhos arqueológicos da UAUM/memórias, ISSN 1647-5836, n.º 4. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/10714>